

Teatro e Filosofia em diálogo: pensar o jogo e o corpo na arte e na vida

TERESA FARIA

João Maria André, *Jogo, Corpo e Teatro: A arte de fazer amor com o tempo*, Coimbra, Angelus Novus, 2016, 260 pp.



Personalidade destacada da vida académica e cultural coimbrã, João Maria André é, simultaneamente, um homem da construção do pensamento filosófico, da pedagogia e da criação teatral. Com vasta obra já publicada nessas áreas, é professor catedrático e investigador da Universidade de Coimbra (Filosofia e Teatro). Paralelamente, desenvolve reconhecida actividade como encenador, tradutor, dramaturgo e actor na Cooperativa Bonifrates; tem colaborado como dramaturgista com o Teatro Nacional D. Maria II (*Cyrano de Bergerac*, 2013) e a Comuna/Teatro Municipal Maria Matos, (*Hamlet*, 2007); é autor da peça *Peregrinações: Quadros inspirados em «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto* (2010) e é co-autor de *O Filho Pródigo* (2008). Foi director do Teatro Académico Gil Vicente (2001-2005) e membro do júri do concurso de Apoio às Artes da Direcção-Geral das Artes, em 2005 e 2013. Em 2016, recebeu o Prémio Deniz Jacinto, na vertente de ensaio teatral.

De visão humanista, a sua obra, sustentada por ideias e experiências diversas, dialoga com, entre outros, Nicolau de Cusa, Espinosa, Barba ou Brook, ao mesmo tempo que tem percorrido e aprofundado questões relacionadas com a Filosofia, a Antropologia, a relação entre Ciência, Cultura e Sociedade, a Educação e a Arte, abordando aspectos relevantes tais como: o corpo e a arte, identidade(s) e multiculturalismo, a multiculturalidade na democracia e os direitos humanos, o racionalismo e a afectividade. Uma (re)visitação epistemológica que cruza diferentes áreas do saber.

Já na obra *Multiculturalidade, Identidades e Mestiçagem: O diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião* (2012) André se detinha no lugar ocupado pelas artes, as performativas em particular, na confluência de culturas que fatores associados à globalização originam. Pretende, no capítulo 4 desta obra (originalmente produzido em 2011), «demonstrar como o diálogo intercultural que parece ser dificultado pela incomensurabilidade entre culturas no campo do pensamento e das ideias, não só é possível, mas tem sido mesmo realizado no campo

das artes [...]» (p. 147). Neste capítulo o autor embrenha-se na definição de cultura (com Geertz, Kymlyna, Ian Watson, entre outros) e explora materiais culturais e processos estéticos que intervêm no diálogo intercultural em que as artes privilegiadamente participam. Para a interpretação desse diálogo, propõe operadores (episteme, pensamento mítico-simbólico e ritual) que serão a base da sua análise das propostas teóricas de Pavis, a partir da matriz semiótica, das estéticas de Brook, a partir da dimensão intercultural e internacional da sua criação e das antropológicas de Barba, a partir da investigação laboratorial sobre o treino e o jogo teatral do actor. O que emerge desta densa reflexão sobre as artes a partir de casos que transportam já uma dimensão filosófica e antropológica é o lugar central do corpo e do jogo no diálogo entre artes e culturas.

Jogo, Corpo e Teatro: A arte de fazer amor com o tempo é uma obra de síntese do percurso do autor onde se encontra sistematizado e estruturado um pensamento filosófico próprio e temas como a criação artística, o corpo, o jogo do mundo e o jogo do teatro. O espaço e o tempo são percebidos pela Filosofia e pelo Teatro, neste livro sólido, completo e coerente, que ajusta, num discurso articulado, ensaios dispersos de uma vasta produção, como é o caso de «A dor, as suas encenações e o processo criativo», inicialmente escrito em 2004.

Neste estudo, o autor faz a sua análise numa perspectiva diacrónica, atravessando o pensamento de muitos filósofos, mas também dialoga com pensadores ou criadores da actualidade como António Damásio, José Gil, Deleuze, Miguel Baptista Pereira, David Breton, Erika Fischer-Lichte, E. Barba ou Yoshi Oida.

Entre os maiores contributos seleccionamos: a relação Antropologia Filosófica/Antropologia do Teatro com as interfaces do actor (capítulo 4) e a perspectiva de uma dinamologia do espaço, bem como o tratamento do Espaço e do(s) Tempo(s) no Teatro (capítulos 5 e 6). No capítulo 4, destacam-se de forma clara as várias perspectivas da relação actor/personagem, desde as questões da neurociência aos teóricos (criativos ou não) que têm estudado o trabalho do actor (de Diderot a Oida). João Maria André conclui: «O corpo é apenas umas das *interfaces* do actor, sendo a outra a mente e a consciência. E se com o corpo o actor potencializa o espaço enquanto experimenta e vivencia o tempo com o movimento, com a consciência ele mapeia o espaço e inscreve nele a percepção do tempo» (p. 170). Os capítulos 5 e 6 perspectivam o espaço cénico como espaço potencial, numa abordagem que, captando a dinâmica, refere uma dinamologia onde o actor é o próprio espaço e a sua «energia transforma o

espaço em tempo e o tempo em espaço» (p. 170), ficando ambos esses elementos – o espaço e o tempo –, dilatados em cena. Caracteriza esse Tempo como multidimensional: cronológico, cairológico (ou intensivo), e narrativo.

Mas será a reflexão filosófica sobre o jogo do homem e o mundo do jogo, idêntica àquela feita sobre o mundo da criação no teatro (*play, jouer, spielen...*)? Talvez que Huizinga e Callois ou Barba e Brook possam responder, referindo a criação ou o jogo como aquele momento que habita um espaço, onde acontece algo com determinada regra, extraquotidiana, numa esfera pública. Estes momentos correspondem sempre a tempos e espaços «dilatados» onde o criador/jogador investe a sua plenitude, em consciência e liberdade.

Muitas são as questões que a obra vai levantando. Será que a tendência do homem, a que Schiller chamou de «impulsos» (*triebe*, tendência e energia), poderá lembrar Espinosa, quando este refere o desejo como a essência do homem (p. 80) ou Prigogine, quando afirma que a arte é essencialmente uma pulsão da natureza (p. 49) ou F. Capra, quando refere a «dança cósmica» (de partículas e energia)? Ou ainda, Bogdanov e Guitton, citando o vazio quântico como um *ballet* de partículas (aparecendo e desaparecendo em tempos infinitesimais) (p. 49) ou, José Gil sobre as «formas de forças», as pequenas percepções ou a arte como jogo, desde a primeira tomada de «atitude» por parte do artista (p. 54)? Lembramos também Laban, quando pensa o «impulso interior» como a origem do movimento e a dança como processo infinito das metamorfoses do desejo ou Artaud na sua busca da linguagem única entre o gesto e o pensamento, ou Barba com o seu «corpo-em-vida», ou ainda a concepção de Breton em que o corpo é lugar, espaço e tempo e um interface de apropriação da vida. Será que todos estes e outros olhares se aproximam? João Maria André encaminha o leitor nesse sentido, afirmando que o corpo do actor é o centro do teatro.

O ensaio exprime também um relevante carácter pedagógico, pela temática e estrutura da obra e pela sua escrita tão densa quanto fluente. A soma de informação e o modo aprofundado de abordar os temas não são incompatíveis com a pretensão de comunicar com um leitor interessado, embora não especializado. Na verdade, a reflexão teórica sobre o jogo do mundo, o jogo do homem e a criação no teatro ocupa um espaço do conhecimento que, ultimamente, tem sido pouco acolhido pelos editores e que fazia muita falta a professores de artes do ensino secundário e superior.

As dezoito fotografias de Susana Paiva, sobre a obra de vários criadores contemporâneos, fazem parte integrante do livro, e as suas legendas são os pensamentos «pontos-âncora» ou «pontos de fuga» entre o texto escrito e o registo visual das imagens, como refere o autor na Nota Prévia (p. 9).

Finalmente, se o corpo é a nossa interface com o mundo, como refere André, podemos dizer com ele que «é mediante o corpo que somos mundo e é mediante o corpo que o mundo é em nós ou em nós ecoa» (p. 114). Se o jogo da arte consegue ser uma «festa de possibilidades» e «a esperança é a forma de o infinito se poder inscrever no finito» (p. 73), é então possível acreditar na Arte, no Homem e no Mundo.

A vários títulos, esta é uma obra ímpar no panorama editorial das artes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, João Maria (2004), «A dor, as suas encenações e o processo criativo», *Sinais de Cena*, I (2), pp. 72-78.
- (2012), «Artes e multiculturalidade: o teatro como campo de diálogo intercultural», *Multiculturalidade, Identidades e Mestiçagem: O diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*, Coimbra, Terra Ocre edições/Palimage, pp. 143-209.